

Viagem à Terra do Brasil

Jean de Léry: Entre a medievalidade e a modernidade

Frederico Pieper Pires¹

Resumo

O objetivo deste ensaio é analisar o relato de viagem do calvinista francês Jean de Léry ao Brasil. Este documento é um dos poucos relatos que possuímos reveladores da visão que os protestantes do século XVI tiveram sobre o Novo Mundo. Como problemática central, procuraremos apontar elementos medievais e modernos em seu pensamento, mostrando Léry como homem de transição. Esta característica é, primeiramente, evidente em seu relato dos elementos naturais do Novo Mundo. Se por um lado, aparecem elementos míticos como peixes voadores, peixes dourados, por outro, a natureza é vista nas suas possibilidades de exploração mercantil. Outro elemento fundamental no relato de Léry é a sua visão do outro. O indígena, no relato de Léry, é visto ambigualmente. As crueldades que o nativo comete não podem ser encaradas como barbárie. As guerras religiosas na Europa do século XVI são exemplos de atos tão ou mais cruéis do que aqueles que os indígenas praticam. Entretanto, este aspecto não tira do indígena sua condição de inferioridade em relação a outros povos. Estas ambigüidades no relato de Léry evidenciam a transitoriedade entre dois mundos: o medieval e o moderno.

¹ Bolsista CAPES. Mestrando em Ciências da Religião – UMESP.

Introdução

A Idade Moderna tem sido vista comumente como momento de ruptura com a Idade Média. As velhas estruturas e padrões são trocados por novos. A igreja perde seu papel para o comércio, o campo para a cidade e os fundamentos do capitalismo são lançados. Neste sentido, o trabalho de Jacob Burckhardt é fundamental quando defende a tese de que:

Na Idade Média, (...) o homem reconhecia-se apenas enquanto raça, povo, partido, corporação, família ou sob qualquer outra das demais formas do coletivo. Na Itália, pela primeira vez, tal ver dispersa-se ao vento; desperta ali uma contemplação e um tratamento objetivo do Estado e de todas as coisas deste mundo. Paralelamente a isto, no entanto, ergue-se também, na plenitude de seus poderes, o subjetivo: o homem torna-se um indivíduo espiritual e se reconhece enquanto tal.²

Desde que fora escrito, ainda no século XIX, essa obra tem sido referência para todos os que trabalharam com o renascimento, especialmente reforçando a concepção rupturista do renascimento como paradigma. Outro aspecto que destacamos no fortalecimento desta visão é o iluminismo. Ao reconhecer sua gênese no renascimento, procura criar oposição entre o período medieval com sua cosmovisão mágica e irracional e o período renascentista, quando então a razão e a individualidade passam a ser protagonistas da mentalidade.

O tratamento marxista do período moderno vai, em parte, relativizar o caráter de ruptura da Idade Moderna. A problemática que move os autores marxistas em direção à Idade Moderna é a procura pela origem do sistema capitalista. Desta forma, o século XVI seria período de transição entre o sistema econômico medieval e o que se assistiu com a Revolução Industrial. Mormente, os autores que se utilizam deste referencial teórico

² BURCKHARDT, Jacob. *A civilização do renascimento na Itália*, p. 111.

vêm o período moderno teleologicamente, como fundamente de elementos da organização econômica do século XVIII.

Dialogando com Burckhardt, Johan Huizinga, em *O Declínio da Idade Média*, intenta mostrar o renascimento e o período moderno como continuidade. Em vez de ruptura, seria o ápice da Idade Média. Huizinga valoriza a presença dos valores medievais na vida cotidiana do homem renascentista e faz importante advertência para se compreender o período medieval: “Um leitor dos nossos dias, ao estudar a história da Idade Média baseada em documentos oficiais, nunca poderá fazer uma idéia da emotividade extraordinária da alma medieval”³. Ou seja, temos que procurar recriar este mundo a partir da memória dos esquecidos, e da sua prática cotidiana precariamente documentada.

Ainda que não seja o período central da sua obra, Max Weber também adota a visão de ruptura do renascimento. Especialmente preocupados com Léry, destacamos a função da racionalidade na vida social. Weber afirma: “A fim de se compreender corretamente a influência do calvinismo, deve-se ter sempre em mente que esta racionalidade foi decisiva em sua influência sobre a vida prática”⁴.

Este novo elemento moderno, a racionalidade e sua influência na sociedade é relativizado por Huizinga:

Um simples exemplo bastará para mostrar o grau de excitação que distingue a Idade Média do nosso tempo (...) A vida mantinha ainda, de diversos aspectos, as cores dos contos de fadas; quer dizer, para os contemporâneos aparecia com esse colorido (...) As idéias políticas correntes são as do Velho Testamento, do romance de cavalaria, da balada. No espírito do povo, as questões políticas são reduzidas a narrativas de aventuras...⁵

3 HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. p. 22.

4 WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. p. 87.

5 HUIZINGA, J. op. cit., p.18-19.

Ao analisarmos o relato do calvinista Jean de Léry de sua viagem ao Brasil, não queremos discutir a veracidade dos fatos apresentados por ele. Não temos mais os fatos. Resta-nos apenas rastros. Ora, rastros são marcas deixadas por alguém ou algo que já passou e não está mais lá. O que temos é interpretação a partir da qual reconstruímos o mundo vivido. Objetivamos inserir o relato de Léry nesta discussão historiográfica. Em que sentido percebemos ruptura com o passado medieval? Onde aparecem as continuidades? Limitando nosso foco de abordagem, trabalharemos com a problemática da racionalidade levantada por Weber no trecho anteriormente citado. Partiremos em busca do *locus* ocupado pela racionalidade advinda do calvinismo e da sua influência na visão de mundo, tomando como pano de fundo a discussão historiográfica de ruptura e continuidade.

Como metodologia, para atingirmos nossos objetivos, compararemos o relato de Léry com outros cronistas do mesmo período. Neste sentido, Cristóvão Colombo será importante interlocutor. Colombo se mostra importante, por ao mesmo tempo representar o que se chamaria de homem moderno no conhecimento das técnicas de navegação e de toda a tecnologia de sua época. No entanto, externa sua medievalidade na descrição sobre o nativo americano e na sua hermenêutica. Os Jesuítas portugueses são também importantes por serem assíduos relatores de suas experiências na terra de Santa Cruz. Adotam, em muitos sentidos, a cosmovisão medieval, tendo em vista que em Portugal somente com o Marquês de Pombal vamos ter um projeto moderno melhor estruturado.

Léry: Contexto e fontes do seu relato

Jean de Léry (1534-1613) nasceu em Borgonha, França. Em Genebra, era sapateiro e aluno de teologia de Calvino, quando o almirante Villegagnon (neste período favorável ao

protestantismo) solicitou a Calvino que enviasse pessoas para o auxiliar na criação da França Antártica. Em 1557, Léry partiu para o Brasil, juntamente com 14 protestantes. Dois pastores também partiram para o Brasil: Richier e Cartier. Sua permanência no Brasil vai de 07 de março de 1557 a 04 de Janeiro do ano seguinte.

No seu relato, Léry aponta os desmandos de Villegagnon e como, por pouco, escapou da ira do almirante. Testemunha também a falência do projeto de criação de uma colônia francesa no ultramar devido às lutas com os portugueses e as dificuldades de adaptação climática.

Ao voltar para a França, torna-se pastor. Foi protagonista dos enfrentamentos entre católicos e protestantes. Este fato tem influência decisiva na construção da visão positiva do indígena. Em 1563 redige o relato de sua viagem. Devido às guerras entre protestantes e católicos, a obra somente veio a público em 1578.

Francisco Rodrigues Leite trabalha com a hipótese econômica no que se refere à motivação para o empreendimento destas viagens. “Certo é que a principal propulsão deles todos (dos viajantes) tinha origem em bases bem concretas, em interesses rigidamente materiais”⁶. Esta visão economicista deve ser relativizada. Não negamos a presença do interesse econômico no empreendimento de tais viagens. No entanto, é preciso considerar outros elementos constitutivos da mentalidade. Havia o desejo de evangelizar o perdido. Na visão de Leyla Perrone-Moisés⁷ a curiosidade também era fonte de motivação para se arriscar nesta aventura marítima.

Outro aspecto fundamental é a relação entre a obra de Léry e do monge franciscano André Thevet. Este veio para o Brasil com Villegagnon, em 1555 para fundar a França Antártica. Nesta época, assim como Villegagnon, era

6 LEITE, Francisco Rodrigues. *Jean de Léry, viajante de singularidades*. In separata da Revista do Arquivo CVIII, p. 24.

7 PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry*. In Revista USP, número 30, p. 87.

simpatizante da igreja reformada. Desta viagem de três meses escreve o tratado “*Les Singularitez de la France Antartique*”, com primeira edição em 1557. Sua obra, contando com apoio da nobreza fez grande sucesso. No tempo em que Léry escreve seu relato, Thevet era cosmógrafo oficial da corte francesa.

Logo no início de sua obra, antes mesmo de dar início à descrição do Novo Mundo, Léry ocupa-se em defender a veracidade dos fatos que irá descrever e ataca incisivamente a obra de Thevet. Sobre as idéias defendidas por este autor, Léry afirma:

Mas ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da “cosmografia” de Thévet, que ele somente repetia suas mentiras e ampliava seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivéssemos enterrados ou não ousássemos contradizê-lo) (...) vi-me constrangido a dar à luz o relato de nossa viagem⁸.

Este ataque de Léry tinha intencionalidade clara: a valorização de sua obra frente à do seu oponente. Léry foi bem sucedido em sua tarefa. Tal fato fica evidente na forma como Thevet e Léry aparecem em autores contemporâneos. Gilberto Freyre, por exemplo, afirma:

“Na verdade, segundo o depoimento do escrupuloso pastor protestante (que revela invulgar senso crítico através de toda a sua relação de viagem), (...) parece-nos Jean de Léry um dos mais seguros cronistas que escreveram sobre o Brasil do século XVI. De Frei André Thevet nem é bom falar. Convém ler o seu livro, mas como se lê um romance”⁹

ou ainda Almir de Andrade: “Há viajantes estrangeiros, cujo testemunho merece muito pouca fé. São os André Thevet...”¹⁰. No entanto, para Andrade, “a obra de Léry é de uma honestidade intelectual e de uma objetividade de espírito verdadeiramente admirável.”¹¹ Como podemos perceber, o efeito pretendido de

8 LÉRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. p. 36.

9 FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e senzala*. p. 81 e 82.

10 ANDRADE, Almir de. *Formação da sociologia brasileira*, p.23.

11 Idem, *Ibidem*, p. 204.

denegrir a obra de Thevet ainda ecoa em autores contemporâneos de aguçado senso crítico.

No entanto, é importante lembrar-nos de que *Les Singularités de la France Antartctique* é o primeiro relato minucioso sobre a flora, fauna e dos habitantes do Brasil. Se analisarmos, comparativamente os dois relatos de viagem, constataremos a marcante influência do relato de Thevet sobre o de Léry¹².

Podemos perceber esta semelhança, primeiramente, na seleção dos temas trabalhados. As plantas e os animais são basicamente os mesmos nos dois relatos. Ambos autores, por exemplo, dedicam atenção ao bicho preguiça, às bebidas e festas dos selvagebns ou aos peixes voadores e dourados. Em alguns trechos Léry parece copiar o relato elaborado por Thevet.

A organização do material é também muito próxima. Ambos falam da crença dos índios em demônios ao qual chamam de Anhã. Destacam como os indígenas são atormentados por estes espíritos, sendo inclusive possuídos por eles. Nestes transes, se batem e suplicam a algum cristão que porventura esteja por perto para que lhe ajudem. Tanto Thevet como Léry narram como alguns aproveitaram esta crença indígena para falar da religião cristã. Os europeus diziam que não eram atormentados pelos Anhã, e caso quisessem se tornar livres destes espíritos malignos bastavam crer no Deus supremo, ou segundo Léry, em Cristo. Curiosamente, ambos autores, logo após nos relatarem esta crença ameríndia vão discorrer sobre a idéia da imortalidade da alma presente no Novo Mundo.¹³ Os nossos viajantes, também concluem seus relatos sobre o que viram na França Antártica falando sobre os ritos de casamento e sepultamento entre os índios.

12 Cf. LEITE, Francisco Rodrigues. op. cit.

13 Cf. THEVET, André. op. cit., p.115 e LÉRY, Jean. op. cit., p. 207.

No entanto, há um aspecto sobre o qual diferem os dois viajantes. No relato de Thevet, a todo o momento é citado o mundo clássico como ponto de comparação com o Novo Mundo. Na sua obra, abundam citações de Cícero, Homero e Virgílio, dentre outros. O mundo de referência de sua visão da América é a interpretação européia quinhentista do mundo clássico. Léry, por sua vez, tem como referência o continente europeu, mais especificamente a França imersa nas guerras religiosas. Não exclui totalmente o mundo antigo, mas as comparações de costumes e organização social são sempre feitas em relação ao mundo europeu. Abordaremos este assunto com mais profundidade quando tratarmos da visão de Léry sobre o indígena.

Ainda que a obra de Léry encante por seu estilo, não podemos negar a profunda influência de *Singularidades da França Antártica* em seu relato. Leyla Perrone-Moisés também endossa esta tese ao dizer:

“Thevet acusou Léry de plágio, e provavelmente tinha razão: muitos trechos da obra do segundo parecem glosar as observações do primeiro, mas com maior talento criativo e descritivo, além de uma enunciação pessoal que confere ao texto emoção e veracidade”.¹⁴

Desta forma, devemos relativizar esta visão de inferioridade do relato de Thevet, defendida por Gilberto Freyre e outros. Há diferenças de estilos, mas não devemos esquecer a importância da obra de Thevet para que Léry pudesse compor seu relato.

14 PERRONE-MOISÉS, op. cit., p. 87.

O paraíso terrestre: As belezas naturais da França Antártica

A paisagem exerceu grande fascínio nos primeiros viajantes. Como afirma Stephen Greenblat

“O maravilhoso é a característica central em todo o complexo sistema de representação, verbal e visual, filosófico e estético, intelectual e emocional, por meio do qual as pessoas na Idade Média tardia e renascença apreenderam e desde então possuíram ou descartaram o que não era familiar, o estranho, o terrível, o desejável e o detestável”¹⁵.

Basta observarmos a famosa carta de Pero Vaz de Caminha para percebermos a admiração do europeu.¹⁶

Há desejo pelo desconhecido, de desbravar o que é virgem e intocado (do ponto de vista do europeu). É um ato bastante sexual e mexe com os sentidos: vê-se a paisagem, aspira-se seu cheiro, sente-se seu clima. Nestes primeiros navegantes percebem-se dois olhares. Há, por um lado, admiração e culto à natureza como bela em si. Por outro lado, há a visão mercantilista que destaca a beleza em função de sua utilidade e possibilidade de exploração. Se bem que, ao contrário de Colombo, Léry não cultue a natureza em si “como fazem os profanos, mas o admirável criador destas maravilhas”¹⁷.

O maravilhoso como ponto central neste complexo sistema de representação se manifesta na idéia do Éden

15 GREENBLAT, Stephen. *Marvelous Possessions. The Wonder of the New World*. P. 25. The marvelous is a central feature then in whole complex system of representation, verbal e visual, philosophical and aesthetic, intellectual and emotional, through which people in the late Middle Ages and Renaissance apprehended, and thence possessed or discarded, the unfamiliar, the alien, the terrible, the desirable, and the hateful.

16 Caminha escreve: “Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-se se aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem”.

17 LÉRY, Jean. op. cit., p.149.

terrestre. Esta idéia decorre da grande ênfase do renascimento à natureza como norma dos padrões estéticos, éticos e morais. Além disto, a narrativa bíblica do Éden apenas diz que o homem e a mulher foram expulsos do paraíso. Não há nenhuma menção à destruição daquele lugar encantador. O livro de Gênesis apenas diz que foram colocados dois anjos na porta de tal paraíso. Tal fato foi motivo para a criação de muitas lendas e histórias no período medieval.

Teólogos medievais falaram da existência do paraíso terrestre. Tomas de Aquino na Suma Teológica faz referência ao paraíso na zona tórrida.¹⁸ Santo Isidoro de Servilha menciona a presença de homens esquisitos no Jardim do Éden. O paraíso não estava presente na mentalidade dessa época simbolicamente. Tinha presença física. Era possível localizá-lo geograficamente e chegar até ele. Os dois querubins eram interpretados alegoricamente. Representavam grandes dificuldades que o aventureiro com tal destino teria de enfrentar para chegar a tal lugar de gozo. Ainda que Marco Pólo, grande referencial de terras exóticas da época, não tenha mencionado nada a respeito do Éden terrestre, existiam pessoas que afirmaram tê-lo visto. E mais, seria cercado de feras e figuras monstruosas.¹⁹

Esse paraíso terrestre era caracterizado por sua beleza natural, pela riqueza da flora e da fauna. Não foi difícil para as pessoas desse tempo, diante do exótico (do que escapa à vista), associar o Novo Mundo ao paraíso. Todos os mitos que antes eram atribuídos à África são transferidos para a América. E com relação a Léry? Poderíamos afirmar que esta idéia, de alguma forma, aparece em seus escritos? Como estas idéias fantasiosas se articulam com a racionalidade calvinista?

Nas descrições que temos da América, muitas fantasias giram em torno do papagaio. Estava associado a lugares

18 AQUINO, Tomás. *Suma teológica, Quest. CII, art. I*.

19 HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do paraíso*. p. 18.

longínquos e, como acreditava Colombo, era sinal de riqueza e indicava a proximidade do Jardim do Éden. Havia muitas idéias místicas em torno dele. Léry, como fruto de seu tempo, também se admira com essa ave. Destaca a grande variedade presente no Brasil e sua capacidade de pronunciar “tão perfeitamente as palavras da língua selvagem e da francesa, que não era possível distinguir a sua voz da de um homem”²⁰. As araras, ou o Canidé, o tucano e tantas outras aves ocupam várias páginas na descrição da França Antártica. E conclui com ar de admiração:

“(…) não me seria possível especificar minuciosamente todas as aves existentes no Brasil, tão diversas das nossas nas cores que lhes são peculiares, isto é, encarnado, branco roxo, cinzento, púrpura, etc.”²¹.

Mas esta terra tem também seus insetos. Léry narra que por mais protegido que se estivesse não era possível evitar que incomodassem. Certa vez, conta nosso aventureiro, conseguiu se livrar de mais de 20 bichos-de-pé de uma só vez, ainda que houvesse tomado muita cautela.²² Não demonstra muito interesse pelos peixes. A forma como os indígenas pescavam lhe causa mais encanto. E destaca as vantagens que os índios tiveram nas trocas comerciais com os europeus. Agora podiam pescar com anzol. Ao lado desta visão comercial, Léry lembra dos peixes voadores, golfinhos dourados e das baleias que já houvera tratado no começo do seu relato.

Sobre árvores, o pau-brasil aparece com destaque. Como na descrição dos peixes, não se prende a relatar sobre tal madeira. Interessa-se mais na relação do indígena com o pau-brasil. O modo como carregavam os navios, a dificuldade de derrubá-la e transportá-la. Esta terra também possui muitos frutos. No entanto, apesar de sua beleza, Léry lembra que são inapropriados para o consumo, ou seja, não têm possibilidade

20 LÉRY, Jean. op. cit., p.150.

21 Idem, ibidem, p. 153.

22 LÉRY, Jean. op. cit. p.156.

de retorno financeiro. Também, não poderia deixar de falar da cana-de-açúcar. Ela cresce, muito bem, e em grande quantidade, no solo brasileiro.

Para Léry, os bons ares desta terra eram responsáveis pela longevidade da população. Provavelmente, baseado num erro de cálculo de Américo Vespúcio, Léry acredita que os índios possam viver até 120 anos. Fernão Cardim, em *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, admira-se por ter em sua volta anciãos indígenas que, com sua idade somada, daria 500 anos. Basta lembrar que nessa época, a média de vida na Europa girava em torno de 30 anos.²³ Este mito da longevidade estava associado aos bons ares americanos.

Como pudemos perceber, a descrição de Léry oscila entre admiração do belo e visão pragmática de natureza econômica. Sérgio Buarque de Holanda cita a seguinte frase do Padre Manuel da Nóbrega para sintetizar a visão que considera edênica do Brasil:

“É muito sã e de bons ares, de tal maneira que, com ser a gente muita e ter muito trabalho, e haver mudado os mantimentos com que se criaram, adoecem muito poucos, e esses que adoecem logo saram. É terra muito fresca, de inverno temperado, e o calor do verão não se sente muito. Tem muitas frutas e de diversas maneiras, e muito boas, e que têm pouca inveja às de Portugal. Os montes parecem formosos jardins e hortas, e certamente eu nunca vi tapeçaria de Flandres tão formosa, nos quais andam animais de muitas diversas maneiras, dos quais Plínio nem escreveu nem soube. Tem muitas ervas de diverso olor e muito diferentes das de Espanha, e certamente bem resplandece a grandeza, formosura e saber do Criador em tantas, tão diversas e formosas criaturas.”²⁴

No relato de Léry percebe-se com mais força os elementos racional e mercantilista. Valoriza as técnicas

23 HUIZINGA, Johan. op. cit, p. 45.

24 HOLANDA, Sérgio Buarque. op. cit. p. 244. Cf. Pe. Manuel da Nóbrega. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Introdução e notas de Serafim Leite. Coimbra, 1955, p.47 e 435.

utilizadas nos trabalhos diários. Mesmo ao descrever os peixes, não esquece de mencionar as trocas comerciais feita entre indígenas e europeus. Por um lado, descreve a beleza e variedade das frutas que aqui se encontram, mas não deixa de mencionar que nem todas são boas para o consumo. Sua interpretação está permeada pelo elemento mercantilista, sem, no entanto, abandonar certa visão edênica.

Léry também não deixa de registrar um diálogo travado com um ancião indígena, no qual este critica a idéia de organização do mundo em torno do econômico. O selvagem pergunta para Léry:

“E quando morrem para quem fica o que deixam? – Para seus filhos se os têm, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos. – na verdade, continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros mãis sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficientemente para alimenta-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados”.²⁵

Por que Léry registra este diálogo? Esta acusação não funcionaria como espelho no qual nosso calvinista via seu mundo refletido? Léry vê-se nesta acusação do nativo, admira-se da incongruência do seu mundo, mas não consegue superá-la.

Na visão que Léry sustenta da natureza, percebemos algumas ambigüidades de seu pensamento. Por alguns aspectos demonstra admiração do belo em si, o que pode ser considerado traço medieval. Em relação a outros, a admiração contemplativa é influenciada (e em alguns casos, trocada) pelo utilitarismo econômico. A beleza se relaciona com a utilidade. Neste aspecto, percebemos a posição que o racional ocupa na visão de

25 LÉRY, op. cit., p.170.

Léry. Ainda que timidamente, há um prenúncio de racionalidade econômica, capaz de abalar a idéia do Éden terrestre na mentalidade de Léry, mas não de negá-la completamente. Aparecem aspectos da mentalidade mágica medieval, mas não com tamanha força como é perceptível em outros viajantes, como no próprio Colombo.

A visão do “outro”: o indígena no relato de Léry

Se analisarmos os relatos de vários viajantes do século XVI notaremos que a visão que sustentam do “outro” é generalizante e dicotômica. Animalização e demonização andaram juntas nos discursos feitos sobre o selvagem. Usa-se o plural “índios” para se referir a esses seres humanos. No entanto, em nenhum momento se destaca a individualidade deles.

Colombo²⁶ conclui, com espanto, que apesar dos indígenas andarem nus, se assemelham mais aos humanos que aos animais. No entanto, as menções que faz sobre o selvagem aparecem no meio das anotações que faz da natureza. O indígena ocupa algum lugar entre os animais e as árvores.

Em viajantes posteriores, principalmente nos relatos franceses, percebemos o reconhecimento “do outro” como ser humano, ainda que inferior. Esta visão do “outro” como ser humano carrega consigo a visão dicotômica que já percebemos em Colombo. O indígena é de um lado “bom selvagem” e de outro “cão imundo”.

Esta dicotomia fica evidente na forma como os viajantes interpretam a nudez indígena. Fernão Cardim, por exemplo, vê a nudez como prova da “inocência, honestidade e modéstia” do indígena. Uma das conseqüências da queda de Adão foi a vergonha da nudez, de acordo com a crença judaico-cristã. Não

26 TODOROV, Tzvetan. op. cit., P.33

é muito difícil concluir que os índios ainda viviam num certo estado de inocência. No entanto, ao lado disto, Cardim fala da promiscuidade que havia entre os índios no interior das ocas, comparando-as ao inferno.²⁷ Por fim conclui que são “pouco endemoninhados e pacíficos”²⁸.

O jesuíta Manuel da Nóbrega, por sua vez, associava a nudez índia com o pecado de Caim, que de acordo com o relato bíblico, escarneceu da nudez de seu pai.²⁹ Portanto, a primeira medida que Nóbrega toma é vestir o selvagem. Especialmente nas celebrações a nudez era ofensa a Deus, além das índias deixarem os cristãos excitados.

Léry também se ocupa com a nudez indígena:

“(...) coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só não ocultam nenhuma parte do corpo, mas anda não dão nenhum sinal de pudor ou vergonha”.³⁰

O nosso viajante se localiza (assim como Thevet) dentro da corrente que defendia a idéia do bom selvagem, de uma bondade a priori no selvagem. Esta idéia persiste no pensamento francês, passando por Montaigne, Voltaire e Rousseau. Dentro desta visão, Léry procura defender o indígena da acusação de que a nudez propiciava a luxúria e a lascívia. E completa “os corpos cobertos na Europa o fazem mais do que se pode ver no Brasil”³¹.

Quando Léry escreve o relato de sua viagem ao Brasil, a França estava tomada por guerras religiosas. Este fato, a lado do texto de Thevet, é fundamental para a construção da idéia do bom selvagem. A posição de inferioridade militar dos calvinistas nas guerras religiosas na França é diferencial na construção

27 CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. p. 152.

28 Idem. *Ibidem*. p. 87-90.

29 MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. 1, p. 44.

30 LÉRY, Jean. op. cit., p. 112.

31 LÉRY, Jean. op. cit., p. 112.

do mito do bom selvagem. A influência do contexto europeu na visão de Léry é claramente perceptível quando trabalha com o lado “demoníaco” do bom selvagem. Léry, por exemplo, descreve as inúmeras crueldades praticadas pelos índios contra seus inimigos. Na sua obra, descreve com grandes detalhes como os índios sacrificavam os inimigos. Os rituais duravam semanas. O índio capturado da tribo inimiga era muito bem tratado, antes de ser morto. Era-lhe concedido a melhor comida e mulheres. Léry narra que se por acaso, a mulher engravidasse do inimigo morto, os índios comiam a criança assim que nascesse. Afinal, era filho do inimigo. “Essa gente tem arraigado no coração o sentimento de vingança”³², afirma Léry. Não obstante, na sua conclusão faz um lembrete aos seus leitores.

Poderia aduzir outros exemplos de crueldade dos selvagens para com seus inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de horror. *É útil, entretanto, que ao ler semelhantes barbaridades, não se esqueçam os leitores do que se pratica entre nós* (...) Não abominemos portanto demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aqueles que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair de nosso país, para ver coisas tão monstruosas.³³

No relato, dos horrores praticados pelos indígenas, Léry intenta descrever de forma mais brutal a prática indígena, procurando utilizá-la para apontar a barbárie da perseguição religiosa que acontece na França. Assim, o indígena pode ser cruel e vingativo, mas sua experiência na França levava-o a reconhecer a brutalidade do europeu.

Da mesma forma que seus contemporâneos, a visão que Léry sustenta da religião do selvagem é dicotômica. No prefácio da sua descrição, Léry afirma:

32 Idem, *Ibidem*, p. 191.

33 LÉRY, Jean. op. cit., p. 203-04.

“Direi, pois que, apesar de os que melhor e mais sensatamente falaram a respeito, não só terem dito, mas observado que ser homem implica o sentimento de uma força superior, e ainda que todos se acham tão presos uns aos outros que, qualquer que seja a maneira de servir a Deus, *todos têm uma religião, certa ou errada*, não se pode dissimular...”³⁴.

Para seu contexto, esta visão era extremamente avançada. Para Colombo, por exemplo, a nudez física do indígena indicava também sua nudez cultural. Os indígenas caracterizavam-se pela ausência de costumes, ritos e religião.³⁵ Jesuítas portugueses diziam que os indígenas não tinham em seu vocabulário as letras F, R e L, pois desconheciam completamente a Fé, a Religião e a Lei.

Léry, na segunda parte do seu relato, ao descrever a religião do indígena, parece encaminhar sua visão nesta direção. Há retrocesso no reconhecimento da religião do “outro”. Neste momento de sua narrativa, parte da citação de Cícero de que não há povo que não tenha consciência da existência de Deus. Léry vê dificuldades nesta afirmação quando aplicada aos indígenas.

“Não têm nenhum ritual nem lugar determinado de reunião para a prática de serviços religiosos, nem oram em público ou em particular. Ignorantes da criação do mundo não distinguem os dias por nomes específicos, nem contam semanas, meses e anos.”³⁶.

Quando analisa a religião indígena, Léry diverge da análise que faz da barbárie, já examinada. Na sua visão da barbárie indígena, reconhece no “outro” um semelhante que o leva à autocrítica da sua própria civilização. Entretanto, com relação à religião, Léry não reconhece no “outro”, formas específicas de relacionamento com o sagrado.

34 Idem, Ibidem, p. 48.

35 TODOROV, Tzvetan. op. cit., p. 34.

36 LÉRY, Jean. op. cit., p. 205.

Curiosamente, mais adiante menciona o fato de que os indígenas acreditam em alguma divindade. Conclui que celebravam em suas canções o transbordamento das águas em certa época, cobrindo toda a terra. Para Léry, esta seria uma referência ao dilúvio³⁷. Portanto, os indígenas deveriam ter algum tipo de crença num poder superior. A idéia de “Deus” poderia estar presente entre eles de alguma forma. Léry somente reconhece a divindade do “outro” à medida que esta se assemelha à sua.

O nosso viajante também estava acostumado com formas de cultuar a divindade bastante específicas. Tudo deveria ser com “ordem e decência”. Nada de muita exaltação. O corpo era reprimido, mortificado, mais por razões éticas do que estéticas. Quando se depara com o erótico culto indígena, com a participação ativa do corpo nas danças, não hesita em concluir que durante suas celebrações “... *os tupinambás praticavam essas macaquices*”³⁸. A religião do outro existe à medida que se enquadra na visão que tem do que seja a relação do homem com o sagrado. Somente reconhece o “outro” à medida que se encaixa na sua visão de mundo.

Por mais que sustente a visão positiva do “bom selvagem”, mostrando a forma como os brasileiros tratam seus hóspedes ou sua gratidão diante de um favor, Léry não deixa de considerar os indígenas inferiores.

“(...) Eis aí um tema de dissertação suscetível de mostrar que os habitantes da Europa, da Ásia e da África devem louvar a Deus pela sua superioridade sobre os dessa quarta parte do mundo”.³⁹

Os americanos não eram somente inferiores aos europeus, mas ao restante do mundo. A curiosidade dos índios é taxada de ignorância diante do desconhecido, ao passo que a dos europeus é entendida como decorrente de “sua grande compe-

37 Idem, ibidem, p. 215.

38 LÉRY, Jean. op. cit., p. 216.

39 LÉRY, Jean, op. cit., p.206.

tência”. Léry, entretanto, se esquece do seu deslumbramento diante daquela exuberante natureza, ou mesmo da atitude do rei francês diante das plumas de avestruz e tucano levadas para França.⁴⁰

Semelhante à pintura que faz da exuberante natureza do Brasil, a descrição que Léry constrói sobre os habitantes está permeado de ambigüidades. Neste sentido, Laura de Melo e Souza nos auxilia ao descrever as relações constantes e contraditórias no universo mental desta época.

“(…) na esfera divina, não existe Deus sem o Diabo; no mundo da natureza, não existe paraíso terrestre sem inferno; entre os homens alternam-se virtude e pecado”⁴¹.

Com base neste esquema mental, entendemos como Léry encara o fato de a mesma criatura ser tão cordial e dócil com seus hóspedes, mas ter ódio vingativo tão aguçado. Podemos concluir que a interpretação que faz do brasileiro, se caracteriza pela sustentação do mito do “bom selvagem”, sem negar sua inferioridade. O contexto histórico permite-lhe relativizar as diferenças e ver os europeus tão bárbaros quanto os índios. No entanto, no aspecto religioso acaba por negar a identidade da relação do “outro” com o sagrado, ou melhor, assimila-a com relativo desprezo.

Conclusão

Algo que chama a atenção tanto em Léry como em Thevet é a hermenêutica. Está alicerçada no “eu vi”.

“Verifica-se, no entanto, que a ligação dos textos de literatura de viagens à doutrina da observação imediata, da presença testemunhal e da ‘experiência, que é madre das cousas’ (...), dá conta do lado verdadeiramente novo do Renascimento,

40 THEVET, André. op. cit., p. 153-154.

41 SOUZA, Laura de Melo. op. cit., p. 29.

aquele em que o espírito crítico laicizante se afasta da doutrina da imitação para seguir a especificidade das experiências.”⁴²

A hermenêutica da experiência é perceptível em Thevet quando diz:

“pode ser que alguns achem que tudo isto que estou dizendo seja inacreditável e fictício, mas asseguro que é exatamente assim como acabei de descrever: eu próprio vi”⁴³,

e Léry já no início da obra, antes que qualquer um possa levantar suspeitas sobre a veracidade dos fatos por ele descritos, ressalta que fora testemunha ocular de tudo que relata. Neste sentido, ambos autores representam um avanço em relação à epistemologia medieval. Troca-se a sociedade do “ouvi falar” pela sociedade que valoriza a visão.

Por trás deste “ver”, está a valorização da experiência como elemento fundamental para a veracidade do texto. O argumento decisivo, para Léry e Thevet, já não é mais o da autoridade, mas o da experiência. Suas conclusões são posteriores a experiências, ao contrário da epistemologia medieval que procura na experiência comprovações para verdades já possuídas.

Cristóvão Colombo ilustra essa mentalidade medieval. Ao chegar na América, Colombo já sabia o que iria encontrar. Estava procurando o que havia lido nos relatos de Marco Pólo. Isto leva o almirante a dizer que “na véspera, a caminho do rio do Ouro, viu três sereias que saltaram alto, fora da mar. Mas elas não eram tão belas quanto se diz, embora de certo modo tivessem forma humana de rosto”⁴⁴ ou ainda “ele (Colombo) entendeu ainda que, mais além, havia homens com um só olho e

42 SEIXO, Maria Alzira. *Cultura e natureza. Ambigüidades do olhar viajante*. In *Revista da USP*, n.º.30, 1996, p.30.

43 THEVET, André. op. cit., p. 75.

44 TODOROV, Tzvetan. op. cit., p. 16.

outros com focinho de cão”⁴⁵. Colombo vê o que lhe interessa, o que já está no seu imaginário.

Em Léry, a ruptura com a hermenêutica medieval fica evidente quando descreve a experiência que teve com alguns desses monstros.

“Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto amor, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça para fora d’água e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido. Resolva o leitor sobre se se tratava de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho, atendendo a opinião de certos autores que admitem existirem no mar todas as espécies de animais terrestres. Quando a mim, embora não desmintam a existência de tais coisas, direi francamente que durante nove meses de navegação em alto mar sem pôr o pé em terra senão uma vez, e ainda por ocasião das viagens costeiras que fiz, nada vi semelhante. Entre a infinidade de peixes que apanhamos nunca deparei com nenhum que tivesse fisionomia humana”⁴⁶.

Léry não chega a negar a existência de tais monstros, o que era muito forte na cultura popular européia deste período, mas afirma que baseado em sua experiência, no que vira ao percorrer a costa brasileira, nunca se deparara com eles. Neste sentido, constatamos relativa mudança na epistemologia de Léry. Baseia seu conhecimento na experiência, no entanto, não chega a negar a possibilidade da existência de tais monstros. O que é plenamente cabível, tendo em vista a força desta crença no seu tempo.

Léry vive num mundo de transição, evidenciado pelas ambigüidades de sua cosmovisão e pela dificuldade para

interpretar o novo, o desconhecido. A interpretação construída sobre a religião do indígena, ilustra bem isto. Primeiramente, afirma a existência de alguma forma de religião entre os indígenas. Posteriormente, dialoga com Cícero e nega a possibilidade de haver qualquer consciência do sagrado entre os ameríndios. Por fim, conclui que eles têm vaga noção do sagrado. Com isto, demonstra a dificuldade de interpretar a nova realidade. Além disto, reforça a nossa tese de que foi possível a Léry relativizar os atos de violência e crueldade dos indígenas devido ao contexto de guerras religiosas que experimentava na Europa. Obviamente que a racionalidade calvinista o ajuda nesta tarefa. No entanto, as barbáries que estava sofrendo na Europa, no contexto das guerras religiosas, permiti-o ver com maior objetividade os costumes indígenas.

Erwin Panofsky⁴⁷ concentra-se na questão da arte no renascimento. No entanto, sua teoria de história muito nos ajuda a compreender em que sentido a visão de mundo de Léry é rupturista ou não em relação à mentalidade medieval. Panofsky nos diz que o determinante de qualquer novo momento histórico, e que permite o historiador caracterizá-lo como tal, é a mudança de direção. Elementos do período histórico anterior ainda podem se manifestar, mas há certo redirecionamento. Cita como exemplo, os vários renascimentos (nome comum com letra minúscula) ocorridos durante a Idade Média. No entanto, o que caracteriza o movimento na arte do século XVI como Renascimento (nome próprio com letra maiúscula)? É exatamente o novo paradigma implantado por este movimento.

No pensamento de Léry, como indicamos, existem muitos elementos medievais. No entanto, percebemos certa mudança de modelo. Sua hermenêutica já não é mais medieval. Tem por base a experiência. Sua pintura da natureza brasileira carrega elementos mercantilistas, característicos do período moderno e descrições fantasiosas de peixes dourados. Em Léry

45 HOLANDA, Sérgio Buarque. op. cit., p. 18.

46 LÉRY, Jean. op. cit., p. 164.

notamos a transição entre o que poderíamos chamar de mentalidade medieval e moderna. Assim, podem conviver tranqüilamente em sua cosmovisão elementos contraditórios constitutivos destas duas formas de ver o mundo. Esta interpretação de Léry como homem de transição nos auxilia a entender as ambigüidades de seu pensamento.

Bibliografia

- ANDRADE, Almir de. *Formação sociológica brasileira*. Vol.1. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1941.
- AQUINO, Tomas. *Suma teológica*. Trad. Alexandre Correia. São Paulo: Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”, 1944.
- BRUCKARDT, Jacob. *A civilização do renascimento na Itália*. Trad. Vera Lúcia de Oliveira Sarmiento. Brasília: UNB, 1991.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1980.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- GREENBLAT, Stephen. *Marvelous Possessions. The Wonder of the New World*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, 2ª. Edição. São Paulo: EDUSP, 1969.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. São Paulo: EDUSP, 1986.
- LEITE, Francisco Rodrigues. *Jean de Léry, viajante de singularidades*. Separata da Revista do Arquivo Nº. CVIII. São Paulo, 1946.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978, vol.1
- MOISÉS, Leyla Perrone. “*Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry*”. In Revista USP, Nº. 30, São Paulo, 1996.
- _____. *Vinte luas. Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil (1503-1505)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.
- NEVES, Luís Felipe. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

- PANOFSKY, Erwin. *Renascimento e renascimentos na arte ocidental*. Lisboa: Editora Presença, 1981.
- SEIXO, Maria Alzira. “*Entre a Cultura e a Natureza: Ambigüidades do Olhar Viajante*”. In revista USP, Nº.30. São Paulo, 1996.
- SOUZA, Laura de Melo. *O Diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.
- THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Trad. Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1978.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. M. Irene de Q. F. Szmercsanyi. São Paulo: Pioneira, 1999.